

5. Naqueles olhos tinha visto quem era Deus

por Julián Carrón*

Mas qual é, pergunta-se ainda Dom Giussani, a verdadeira razão do “sim” de Simão a Cristo? “Por que o ‘sim’ dito a Jesus vale mais do que enumerar todos os próprios erros e todas as possibilidades de erros futuros que a própria fraqueza implica? Por que esse ‘sim’ é mais decisivo do que toda a responsabilidade moral traduzida em seus particulares, traduzida em prática concreta? A resposta a estas perguntas revela a essência última do Enviado do Pai. Cristo é o ‘enviado’ do Pai, é Aquele que revela o Pai aos homens e ao mundo. ‘Esta é a vida verdadeira: que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste’. A coisa mais importante é que ‘Te conheçam’, que Te amem, porque esse Tu é o sentido da vida. ‘Sim, eu Te amo’, disse Pedro. E a razão desse ‘sim’ consistia no fato de ele ter entrevisto naqueles olhos que o tinham fixado aquela primeira vez, e que depois o tinham fixado muitas outras vezes durante os dias e os anos seguintes, quem era Deus, quem era Iahweh, o verdadeiro Iahweh: *misericórdia*.” É isto o que Pedro viu, experimentou: “Em Jesus, revela-se-lhe a relação de Deus com sua criatura como amor e, então, como misericórdia. A misericórdia é a posição do Mistério para com qualquer fraqueza, erro e esquecimento do homem: Deus, perante qualquer delito do homem, ama-o. Simão sentiu isto, daqui nasce o seu ‘Sim, eu Te amo’”.¹

Sempre me marcou o episódio daquele homem que foi confessar-se com Giussani, na época em que era um jovem padre, numa paróquia de Milão: “Entra um homem no confessionário; fica em pé, não fala. Então eu olho para ele. Ele, provocado por esse meu gesto, diz: ‘Eu matei’. Não sei como, eu lhe disse: ‘Quantas vezes?’’. Ele intuiu que poderia ter dito ‘mil vezes’ e eu teria assumido a mesma atitude que se tivesse respondido ‘uma vez’. Caiu no choro e curvou-se para me abraçar, chorando: havia intuído o perdão”.² Que consciência devia ter, desde jovem, da novidade que entrou com Cristo na história, para reagir daquele jeito na frente de um assassino! Não havia nada que justificar. Não precisamos justificar nada, mas – como Dom Giussani – podemos olhar tudo, reconhecer tudo, porque há um olhar, uma capacidade de perdão, uma misericórdia que ultrapassa qualquer medida. Quem nega o que fez pode iludir-se achando que resolveu o problema (até mesmo um homicídio!). Mas o problema permanece, ainda que um homem o esconda de si mesmo. Ainda bem que tu existes, Cristo, e que te revelaste como misericórdia, porque senão deveríamos carregar o peso terrível das nossas culpas. »

* Do livreto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» “O sentido do mundo e da história é a misericórdia de Cristo, filho do Pai, mandado pelo Pai para morrer por nós. No drama de Milosz, a certa altura o Abade diz a Miguel Mañara, que ia sempre falar com ele para se lamentar dos pecados passados, e diz como que sem paciência: ‘Pare de reclamar como uma mulherzinha. Tudo isso nunca existiu’. Como assim, ‘nunca existiu’? Miguel tinha assassinado, estuprado, tinha sido injusto... ‘Tudo isso nunca existiu. Só Ele é.’ Ele, Jesus, dirige-se a nós, faz-se ‘encontro’ por nós, perguntando-nos só uma coisa: não ‘o que você fez?’, mas ‘você me ama?’. Amá-lo acima de qualquer coisa, então, não quer dizer que eu não tenha pecado ou que eu não venha a pecar amanhã. Que estranho! É preciso ter um poder infinito para ser essa misericórdia, um poder infinito do qual nós – neste mundo terreno, no tempo e no espaço que nos são dados para viver, nos anos, muitos ou poucos que sejam – obtemos, extraímos letícia. Porque um homem, com a consciência de toda a sua pouquidão, fica feliz diante do anúncio desta misericórdia: Jesus é misericórdia. [...] ‘Vós vos inclinastes sobre as nossas feridas e nos curastes – diz um prefácio da Liturgia Ambrosiana – doando-nos um remédio mais forte que as nossas chagas, uma misericórdia maior que a nossa culpa. Também assim o pecado, em virtude do nosso amor invencível, serviu para elevar-nos à vida divina.’”³

¹ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 85-87.

² L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*. Milão: BUR, 2000, p. 63.

³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 87.